

## Ensino de geografia e ferramentas de aplicação em sala de aula

### Geography teaching and application tools in the classroom

William James Vendramini<sup>1</sup>

Ester Medeiros de Albuquerque<sup>2</sup>

#### RESUMO

Foi desenvolvido ao longo desse estudo, uma breve descrição referente a dinâmica em sala de aula, mais precisamente em aulas de geografia. A proposta é dar destaque em algumas maneiras que facilitam a compreensão e aprendizado em sala de aula mesmo utilizando o método tradicional, mas apresentando outras possibilidades e ferramentas metodológicas, focando o ensino fundamental e médio com técnicas remotas, lúdico e outros que forem necessários para tornar a disciplina mais prazerosa sem perder o objetivo. Através da revisão bibliográfica pautou-se a metodologia do estudo. O ensino de geografia apresenta foco nas diferenças entre os ambientes rural e urbano, análise das diversas paisagens e as relações sócio espaciais, conforme a Base Nacional Curricular Comum, o aluno vai estudar os conceitos fundamentais como o da linguagem cartográfica entre outros, partindo de uma análise local para o global. Assim este estudo visou apresentar possibilidades de estratégias usadas pelos professores para que o aprendizado seja mais eficaz. Partindo desse raciocínio, o presente artigo traz uma breve revisão bibliográfica referente a abordagem do estudo da dinâmica em aulas de geografia, dando ênfase as diversas maneiras e ferramentas como a utilização. Verificou-se que a aplicação da dinâmica realmente surte efeitos positivos, e que vale a pena aplicá-la.

**Palavras-Chave:** Dinâmica; Aprendizado; Aulas de Geografia;

#### ABSTRACT

It was developed throughout this study, a brief description referring to dynamics in the classroom, more precisely in geography classes. The proposal is to highlight some ways that facilitate understanding and learning in the classroom even using the traditional method, but presenting other possibilities and methodological tools, focusing on elementary and high school with remote techniques, playful and others that are necessary to make the most pleasurable discipline without losing the objective. Through the bibliographic review, the methodology of the study was guided. The teaching

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Geografia UFMS-CPTL, e-mail: [william.j@ufms.br](mailto:william.j@ufms.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7738-2276>

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Geografia UNEMAT-PPGGEO, [ester\\_med@hotmail.com](mailto:ester_med@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5283-2501>

of geography focuses on the differences between rural and urban environments, analysis of different landscapes and socio-spatial relationships, according to the Common National Curricular Base, the student will study fundamental concepts such as cartographic language, among others, starting from a local to global analysis. Thus, this study aimed to present possibilities of strategies used by teachers to make learning more effective. Based on this reasoning, the present article brings a brief bibliographical review referring to the approach of the study of dynamics in geography classes, emphasizing the different ways and tools how to use. It was verified that the application of dynamics really has positive effects, and that it is worth applying it.

**Keywords:** Dynamics; Apprenticeship; Geography classes;

## INTRODUÇÃO

A geografia é uma ciência de área abrangente estando em diversas partes, contudo, se não bem aplicada pode parecer cansativa não aferindo uma boa compreensão dos conceitos e conteúdo. Atualmente encontramos diversas maneiras de aplicar determinadas tarefas sem torná-la insípida ou desmotivadora, todavia como diz Brandão:

Nenhuma pessoa foge da educação. Na residência, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós invadimos pedaços da vida com ela: para aprender a aprender, para ensinar, para aprender a ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2007, p. 7).

Como bem menciona Brandão (2007), não temos como escapar da educação, cabe ao professor escolher a ferramenta adequada para alcançar o sucesso nos seus objetivos. Em nosso contexto, certos temas de determinadas disciplinas exigem um pouco mais de maneiras e métodos de ensino, para serem absorvidas pelo aluno, no entanto nesse artigo será mostrado algumas maneiras de se aplicar um conteúdo com foco voltado para aulas de geografia.

Desse modo, Libâneo (2013) aponta duas linhas de influências educativas: sendo uma de Influências não intencionais (informais), que são recebidas a partir de fatores como contexto social e do meio ambiente em que o indivíduo está inserido; e outra frente educativa parte das Influências Intencionais (formais), que são caracterizadas pela instituição escolar.

O Ensino de geografia é juntamente com as outras disciplinas de fundamental importância, haja vista que o os alunos a partir do sexto ano do ensino fundamental, serão apresentados a

conteúdos mais aprofundados com vistas a preparação para o ensino médio, para possibilitar que o aluno conheça as relações espaciais entre o homem e o meio que esta inserido. Os conhecimentos sobre cartografia são bem antigos. O homem sempre precisou destes recursos até por uma questão de sobrevivência desde a antiguidade, pois, naquele período saber onde tinha água, alimentos como a caça eram determinantes para que continuasse vivo.

Com o passar dos tempos esses conhecimentos foram aprimorados, as leituras foram avançando e hoje é primordial e tão importante como eram em tempos de outrora, mas com técnicas e tecnologias digitais, ampliam a acurácia e a velocidades de transmissão de dados em tempo real, isso devido ao chamado mundo globalizado, sabe-se que a geografia está relacionada a necessidade de conhecimento dos espaços e nos auxilia na localização de qualquer ponto na superfície da terra. Através da cartografia interpreta-se mapas desde a forma mais manual até com os instrumentos mais tecnológicos.

Cada vez mais essa linguagem cartográfica tem importância primordial no ensino de geografia visto que contribui para o desenvolvimento do aprendizado relativo as capacidades de representações do espaço além de oferecer a compreensão necessária para a leitura geográfica por parte dos alunos reconhecendo e interpretando elemnto no lugar em que vive, passando apra análise da paisagem do território e de regiões em escal global.

Conforme Passini (2007) tanto o ensino da geografia como da cartografia são complementares em si, não há como estudar um sem o outro sendo que um é o conteúdo e o outro é a forma. Reforça Katuta (2007 p. 135) que a “cartografia se trata de uma linguagem que permite aprender, expressar e comunicar a espacialidade dos fenômenos a fim de que se possam realizar e estabelecer raciocínios geográficos”.

Assim, o objetido é apresentar fundamentos teóricos sobre o ensino de Geografia e sua aplicação em sala de aula, propondo ferramentas e possibilidades para a atividade docente e um melhor desenvolvemtno do processo de ensino e aprendizagem do educandos.

## METODOLOGIA

Para este estudo utilizou-se de artigos, monografias, dissertações, teses, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC e o Documento de Referência Curricular de Mato Grosso – DRC/MT, que tratam da temática ensino de geografia e suas possibilidades de aplicação na atividade docente em sala de aula.

O método dialético, defendido por Karl Max e ampliado Frederic Hegel, onde o elemento só pode ser publicado depois de ser investigado, analisado, criticamente em suas conseqüências essenciais, traçando o processo e técnicas de ensino, modos de ensinar e proceder na atividade docente com foco no Ensino de Geografia, foi o pensando no desenvolvimento deste estudo.

A realização do estudo pautou-se em revisão bibliográfica que, segundo Gil (2002), é desenvolvida com apoio em material existente, constituído sobretudo de livros e artigos científicos. Para a realização de pesquisas e análises, utilizou-se o estudo de teóricos que trata da temática analisada, sendo assim, uma estratégia de pesquisa científica responsável por analisar fenômenos reais a partir do contexto inserido e das variáveis que o afetam teoricamente.

No processo de construção, foram compiladas teorias, autores que tratam sobre a temática central, experiências e práticas do cotidiano a respeito da prática docente, polêmicas e discussões do enejo. A pesquisa teórica não significa imediata intervenção na realidade do dia dia docente, porém se faz imprescindível, pois seu papel é decisivo na criação de condições para a intervenção, com intuito de verificar e demonstrar como a dinâmica nas aulas de geografia estão sendo aplicadas e se realmente surtem efeitos a qual o educador espera buscou-se “o conhecimento teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa" (DEMO,1994, p. 36).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os aspectos espaciais, geográficas, sociais, políticas, vem passando por modificações, onde se faz necessário que haja uma ciência que analise e intérprete essas mudanças. O estudo tem como objeto tentar entender essa dinâmica e complexidade que é o espaço geográfico. Diante disso, a

geografia tem um desafio hoje, que é fazer o aluno entender esse meio que está inserido e saiba atuar nele de maneira crítica.

É possível se referir que a cartografia é um tema *transversal* da Geografia, ou seja, ela está atuante em inúmeros outros assuntos que o docente dessa matéria trabalha em sala de aula. Desta forma, sempre que o docente utilizar um mapa, ele pode e deve, retomar alguns conceitos da Geografia. (PENA, 2020 p. 02)

Os conteúdos de geografia são direcionados pelas Diretrizes Curriculares que indica que os mapas e seus conteúdos sejam lidos pelos estudantes como textos capazes de serem interpretados e problematizados,

O Espaço Geográfico é o objeto de estudo da Geografia, nele podemos apontar assuntos extraordinários na dimensão da linguagem, pois faz parte da aula, não como apenas uma ilustração ou um mapa colocado ao aluno como passatempo, mas com objetivo de um aprendizado. Por isso, usamos o mapa como recurso que intermedia a imagem com a compreensão da escrita, e não meros instrumentos de localização dos eventos e acidentes geográficos [...] (PARANÁ, 2006, p. 48).

No estudo de geografia, um dos assuntos bases nesses anos, é o estudo sobre a relação campo e cidade e suas dimensões, contudo destaca-se a importância de se “utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando como está indicado a direção, distância, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação”. (SANTOS, 2011, p. 20)

Acreditar, assim, que o estudo da Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais possa colaborar para o direcionamento do projeto de vida dos jovens alunos, de modo que eles entendam a produção social do espaço e a transformação do espaço em território usado. Se almeja, que compreendam a função e responsabilidade do Estado-nação em um período histórico em que inovação tecnológica é responsável por grandes transformações socioespaciais, exacerbando ainda mais a indigência de que possam conjecturar as alternativas de uso do território e as possibilidades de seus próprios projetos para o futuro. Almeja-se, também, que, nesses estudos, sejam empregadas dessemelhantes representações cartográficas e linguagens para que os estudantes possam, por meio delas, entender o território, as territorialidades e o ordenamento territorial em díspares escalas de análise. (BNCC, 2018, P.381)

Para o ensino de Geografia é essencial a cartografia<sup>3</sup>, pois por meio dela que o aluno entenderá às necessidades do seu cotidiano e compreenderá o ambiente em que vive. Por isso, se aprender as características físicas, econômicas, sociais e humanas do ambiente, ele pode entender as transformações causadas pela ação do homem e dos fenômenos naturais ao longo do tempo. (BRITO, 2012).

O envolvimento do estudante na rede de informação pode lhe motivar (reunir razões) a deixar o foco de conhecimento devido seus encantos, trocando seus afazeres escolares navegando em páginas que fogem ao objetivo estabelecido, causando prejuízo em seu tempo e no seu aprendizado. A motivação da qual está sendo falada aqui é aquela que desperta interesse e prazer, para Bock, Furtado e Teixeira (2001, p. 128) “A motivação está sempre presente como desencadeadora da ação, seja por necessidades fisiológicas, seja por necessidades afetivas ou intelectuais”. Aqui é preciso deixar de lado as necessidades fisiológicas e afetivas e mirar nas intelectuais que é o objeto estabelecido. Outro fator não menos importante a ser observado é a falta de interesse do aluno no tocante a uma rotina de estudo profícua, embora o ensino remoto tenha datas estabelecidas para o desenvolvimento das atividades, temos então as atividades remotas ou EAD, como alternativas para encurtar distancias e acelerar o processo de imersão nas atividades propostas.

Ponderando que as novas tecnologias desempenham influência, às vezes negativa, outras vezes positiva, no conjunto das relações sociais, é importante assegurar aos estudantes a análise e o uso consciente e crítico dessas tecnologias, observando seus alvos circunstanciais e suas finalidades a médio e longo prazos, explorando suas potencialidades e corroborando seus limites na configuração do mundo contemporâneo. (BNCC, 2018, p. 562).

Logicamente que não estamos tratando aqui de extremos, ou seja, só aulas em sala ou online, mas sim numa proposta a dinamizar as coisas, com propostas de cronogramas com atividades não presenciais. Objetivando autonomia por parte do escolar em que desenvolva a sua capacidade

---

<sup>3</sup> Conforme o Brasil Escola (2021 p. 1) a cartografia é a área do conhecimento que se preocupa em estudar, analisar e produzir mapas, cartogramas, plantas e demais tipos de representações gráficas do espaço. Disponível em: <https://bit.ly/3vWNVP8>. Acesso: 20 ago 2022.

cognitiva estimulando-os a pensar por si só. No ensino presencial o aluno tem a presença do professor e isso lhe proporciona uma sensação de segurança como em um campo de guerra com seu capitão ao lado para instruí-lo, incentivá-lo e vezes repreendê-lo então isso de certa forma lhe traz a ideia de que, o que está sendo proposto terá que ser desenvolvido. Nessa perspectiva, para González (2015).

A seleção dos conteúdos, a metodologia didática e as formas de avaliar e classificar têm grande importância na concepção que os alunos possuem do saber geográfico, da sua utilidade nas decisões sociais e implicações na atitude e motivação do aluno em relação ao saber escolar. (GONZÁLEZ, 2015. p. 26).

Nesse momento a figura do docente é muito importante porque além dos pais ele também tem a tarefa de estimular a autonomia do discente desde cedo, lhe indicando que o campo é fértil e que ele poderá explorá-lo dentro do tema proposto a turma, todavia as vezes não funcionará assim quando ele estiver em frente a uma tela de computador ou celular, é o mundo todo diante de si uma gama de distrações disponíveis para tirá-lo do foco ou mesmo informações parciais que não o leva a um entendimento mais profundo. Por isso trabalhar com formulários e atividades digitais em tempo real, quando as condições do ambiente forem adequadas é uma ótima alternativa para estimular as habilidades dos alunos.

A rapidez com que a mídia leva aos lares uma multiplicidade de informações, por vezes carregadas de visões parciais e belas imagens da natureza e cidades, promove a formação de opiniões e de formas de enxergar a realidade brasileira, às vezes equivocada. (DANTAS; BARBOSA, 2011, p. 109).

Nesse prisma, não se deve postergar e perder o foco porque ambos, (presencial ou remoto) têm datas programadas a cumprir previamente através do cronograma estabelecido pelo professor, e de certa forma isso contribui para que o aluno se desenvolva com responsabilidades, disciplina e pontualidade, pois no futuro ele precisará dessas características, pois assim o mercado profissional o requer.

Quanto mais rica a mediação, mais real é a aprendizagem e a construção de conhecimentos. Os alunos aprendem melhor quando se empenham com o conteúdo do ensino e com seu próprio processo de aprendizagem. No entanto, o ensino continua, em muitas situações, com modelos didáticos tradicionais, nos quais, o professor é aquele que detém o conhecimento e o aluno é aquele que o recebe, como denomina Paulo Freire em seu conceito de “Educação Bancária”. Não se aprende “recebendo” informações, muito menos fazendo uso exclusivo da memória. Aprender carece de construção ativa de significados próprios e particulares de acordo com as informações e conhecimentos tratados (CATROGIOVANNI, et al, 2016, p. 114).

Estamos caminhando para rumo de novos desafios em uma era totalmente na rede de computadores, porém, o livro didático ainda tem grande importância e não deve ser substituído totalmente do impresso para o digital, principalmente nas séries iniciais ou em escolas do campo. Toda ferramenta em sala de aula é útil e se bem usada, contribui na captação de informações e todos (professor e aluno) podem tirar bons resultados.

Concordando com Castrogiovanni et al (2016), devemos fugir das dinâmicas repetitivas e ensaiar novas possíveis mudanças, tal processo carece ser metódico, pois pode se assemelhar a uma comida de um sabor irresistível, mas com o passar do tempo comendo só aquilo leva a pessoa desejar outra coisa. Esse sabor novo e requintado o educador em Geografia precisa ter como instrumento.

Refletir pedagogicamente os saberes geográficos numa conjectura metodológica e significativa para os alunos implica desenvolver ações que reestruturem os conteúdos, inovem os procedimentos e estabeleçam com clareza os objetivos. Assim, acredita-se que a prática educativa da construção de conceitos, atitudes e procedimentos, socialmente, no grupo familiar ou na escola, se faz observando o saber prévio do aluno, participando do processo de aprendizagem ao possibilitar conflitos cognitivos durante o trabalho dos alunos com o material escolar e mesmo fornecer informações com a finalidade de provocar a reorganização das ideias prévias das crianças na direção do saber a ser ensinado (CARTELLAR, 2005, p. 220).

Diante de tantos desafios, ao desenvolver o senso crítico e passar a ser mais observador, o aluno começa a correlacionar informação ao cotidiano e adquirir conhecimento, assim a dinâmica usada pelo professor pode imprimir um marco histórico na memória do educando o conteúdo trabalhado, e a geografia possui muitas ferramentas que contribui para isso, bússola, mapa, globo,



softwares de localização, drives em nuvem, formulários digitais, o que deve ser planejado é a forma de uso destes no processo de ensino-aprendizagem.

Todo material ou informação pode ser convertido ensino-aprendizagem, o modo como é manuseado ou utilizado por um método a que se adequa as condições e características dos alunos, e do ambiente o qual se localiza, para que de forma equitativa ao contexto socioespacial, possibilite desenvolver habilidades e prover o conhecimento.

[...] apropriação de conhecimentos e de operações mentais, para compreendê-los e cultivar consciente e autonomamente. A aprendizagem é uma forma do conhecimento humano, realizando uma relação cognitiva entre aluno e matéria de estudo, desenvolvendo-se sob as condições peculiares do processo de ensino (LIBÂNEO, 2013, p. 85).

Por este viés, “[...] o docente necessita saber esquematizar uma aula; planejar uma unidade de instrução; carece dispor de exemplos e contextos a respeito daquilo que está ensinando; precisa dar referências, dar perspectivas através de sua disciplina, do campo de saber” (FRANCO, 2013, p. 152).

No tocante os recursos disponíveis no meio tecnológicos temos computadores, tablets e celulares que pode ser usado como GPS, google earth, softwares e outros aplicativos para aulas de cartografia por exemplo, cada um tem consigo um arsenal de recursos a serem usados dentro da ciência Geográfica, a ideia sempre é despertar o interesse da classe mantendo o equilíbrio e lhes ampliando o vocabulário geográfico com uma metodologia mais ativa.

Para Moraes e Castellar (2018) é a inserção do aluno em um aprendizado por investigação, por meio do uso de tecnologias, por meio de uma problemática, por meio do teatro e outros, o ensino passivo, ou seja, ouvindo leitura, leva o estudante esquecer as coisas com facilidade. Os métodos dinâmicos possibilitam o tato da classe com o objeto de conhecimento tendo os meios tecnológicos para dar suporte as tais demandas do ensino.

Atualmente quanto se trata de didática, enfatiza-se em uma educação voltada para o futuro, a necessidade de tornar o aluno protagonista, através do empoderamento de informações, ferramentas e conceitos que possam ser conduzidos a partir do seu contexto local, partindo do local para o global, onde o aluno possa ser participante do processo de conhecimento.

A interdisciplinaridade é uma forma de didática que correlaciona disciplinas diferentes com conteúdo similares, permitindo uma maior socialização de informações entre professores e alunos, facilitando o entendimento, a correção de assuntos e a usabilidade e de certa forma uma aprendizagem mais compartilhadas entre uma ou mais áreas do conhecimento.

Na geografia as ferramentas tecnológicas, são importantes considerando os alunos mais novos, chamados de geração “Z”, mas as aulas campo, quando planejadas e organizadas com os conteúdos trabalhados em sala para que haja uma ação simultânea do educando do que foi lido, debatido, explicado e exemplificado, com a realidade, promovem um experiência única e o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma muito positiva, pois amplia o interesse e a motivação do alunos com os conteúdos apresentados em sala.

Um problema comum ocorre na tentativa de aplicar um tema onde conversas paralelas estão acontecendo necessitando do domínio de classe do professor, mas o assunto dos colegas se torna tão empolgante que eles perdem a concentração esperada para aprender o assunto que será ministrado, deixando muitos professores preocupados sem saber lidar com a situação, uma vez que o alunos não estarão aptos a uma concentração genuína, não muito raro, tais casos terminam por prejudicar o andamento das coisas, e aulas sem produtividade e sem seus objetivos alcançados, no entanto, isso pode ser usado como uma oportunidade de transformar o momento de distração em um ambiente de aprendizagem, já que os alunos estão receptivos e descontraídos.

Uma ideia é agrupá-los e desenvolver atividades que estejam no objetivo de ensino, “A edificação de uma equipe não é algo que acontece automaticamente”. (TOLER; GILBERT, 2015, p. 23). É um pouco trabalhoso formar o grupo para que haja entrosamento, e com o passar do tempo as conversas aleatórias darão lugar a pequenos debates que no futuro, o senso crítico do estudante se desenvolverá, Da Silva et al, (2020, p. 7) concorda: “A educação geográfica tem também o papel de formar a criticidade dos alunos” [...] desta forma fazer com que o aluno pense e discuta emas do seu cotidiano, correlacionado com temas/assuntos da geografias e outras ciências afins. De maneira paulatina e eficaz o professor, adquire a confiança dos alunos, e ao adentrar na sala eles terão ideia de como é afável o trabalho com dinâmica, e se sentirão motivados e prontos a participarem; nos

tempos que estamos vivendo encontramos sites de jogos Geográficos online e aplicativos tudo de maneira acessível para estimular o raciocínio.

Todo docente sabe o quanto que conversas sem objetividade atrapalha a atenção de todos, porém por que essas conversas surgem? Algo a se pensar como resposta é porque talvez a matéria não demonstre interesse a classe, “Nessas condições é possível perceber a relevância da utilização dos jogos e brincadeiras no cotidiano escolar, de forma que a relação entre o ensino e a aprendizagem venha a se tornar mais atrativa” (CUSTÓDIO E VIEIRA, 2015, p. 4), todavia é aplicável atividades lúdicas que tem efeito de despertar a curiosidade da classe envolvendo-os no assunto desde um baralho com dizeres geográficos dentre outras coisas. Ao despertar o interesse com essa atividade há melhor concentração e resultados melhores.

A inserção de atividades lúdicas nas aulas de Geografia torna a prática do professor dinâmica e enriquecedora, proporcionando aos alunos uma aula prazerosa e curiosa, destacando que o ensino de Geografia escolar não se dá somente com a utilização do livro didático, sendo que o livro é uma das ferramentas de apoio ao professor. (FARIAS, et al. 2017, p. 2).

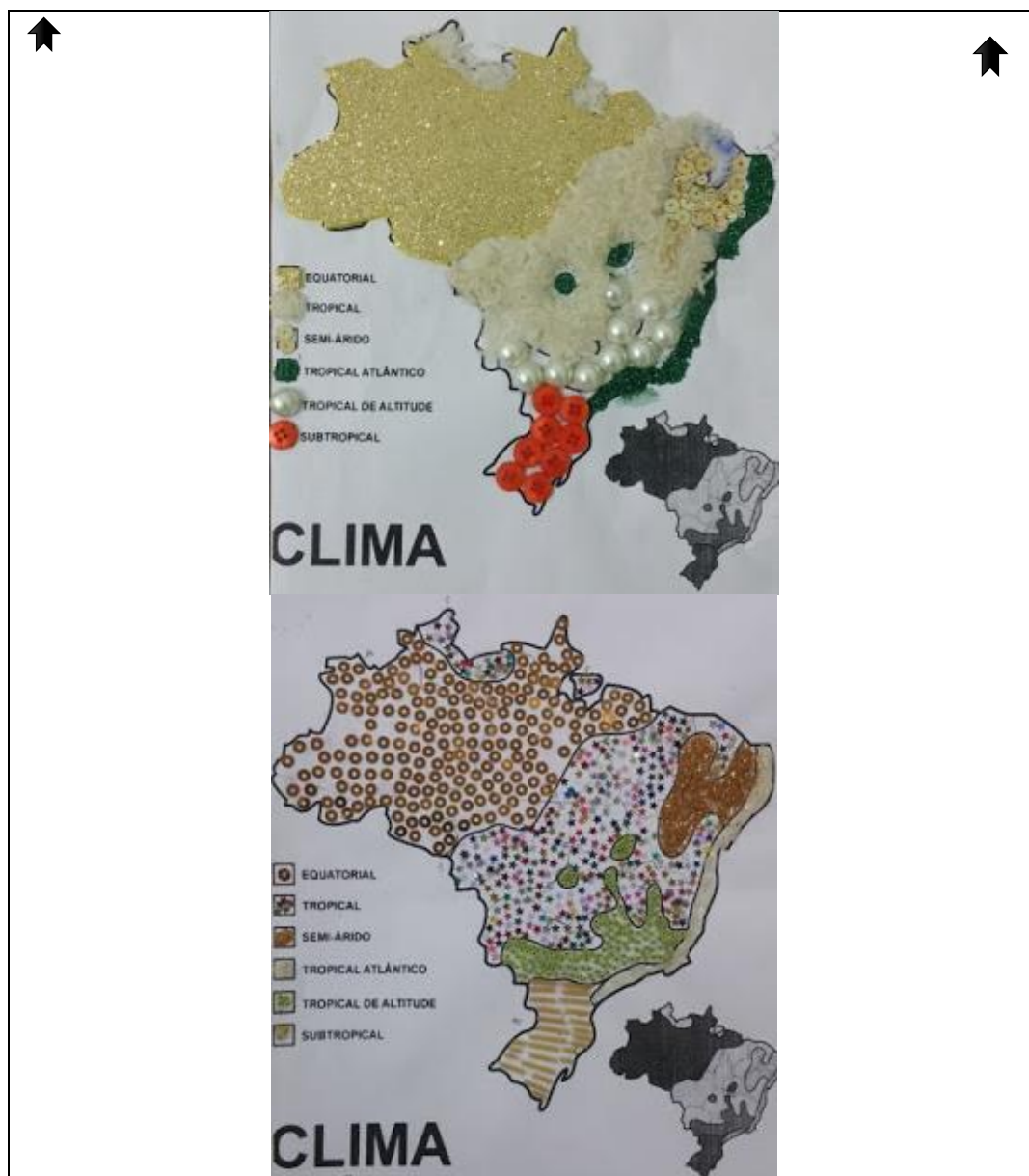
Concordando com Rocha et. al. (2020), atualmente é necessário pensar a prática docente a partir dos parâmetros estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), lançada e divulgada pelo Ministério da Educação (MEC), que se descreve como “um documento completo e contemporâneo, correspondente às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro” (BNCC, 2018). A Base divide os conteúdos a serem empregados na rede básica de ensino em Unidades temáticas, Objetivos de Conhecimento e Habilidades. Porém, vale ressaltar que as habilidades e objetivos de conhecimento foram, em alguns casos, levemente adaptados para realidade social e espacial dos alunos.

Por exemplo, a configuração de cada eixo se apresenta: “para as Unidades temáticas - Mundo do Trabalho; Os Objetivos de Conhecimento - Transformações do espaço na sociedade; e para as Habilidades - Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas” (ROCHA, et al. 2020). Nessa perspectiva, para González (2015).

A seleção dos conteúdos, a metodologia didática e as formas de avaliar e classificar têm grande importância na concepção que os alunos possuem do saber geográfico, da sua utilidade nas decisões sociais e implicações na atitude e motivação do aluno em relação ao saber escolar. (GONZÁLEZ, 2015. p. 26).

A produção de mapa temáticos de densidade demográfica, hidrografia, vegetação, clima em sala, por meio da técnica de colorir mapas de estado, país ou continente, de modo simples seguindo parâmetros de dados oficiais, como IBGE por exemplo, permite que o aluno perceba a relação coloração e espacialidade. Diversos materiais podem ser utilizados, como lápis de cor, tintas, giz de cera, papéis coloridos pintado, grão de cereais etc. A exemplo na figura 01.

Figura 1. Possibilidade de aula prática em cartografia temática



Fonte: Autores, 2022.

Como pode ser notado na imagem anterior, uma grande quantidade de materiais pode ser utilizada no preenchimento das imagens, sendo importante utilizar a ludicidade para memorizar os conteúdos e informações de um mapa

Outra forma prática de uso de cartografia pra que o alunos compreenda a questão de escala que é a relação proporcional entre a representação espacial real em um plano com dimensões muito

menor, a escala gráfica ou numérica portanto, se refere a proporcionalidade, que pode ser trabalhada de várias formas em sala, utilizando mapas e imagens impressas ou digitais, quando alguém dá o zoom em uma foto, amplia-se o tamanho, aproximando o objeto para notar mais detalhes e informações, a escala tem essa função, assim quanto menor o número da escala, mais detalhes se pode notar, pois a representação é mais aproximada.

A cartografia não é simplesmente uma ferramenta para a reprodução espacial de algum lugar, ela é importante como a Língua Portuguesa, a Matemática, dentre outras, partindo deste pressuposto vários professores e alunos precisam ter uma motivação para olhar e perceber como é fundamental esta ciência, não apenas para o âmbito escolar, mas para a vida após o término dos estudos, fazendo os alunos compreenderem o espaço como produtos das relações diante da comunidade. (NETO et al, 2020, p 04)

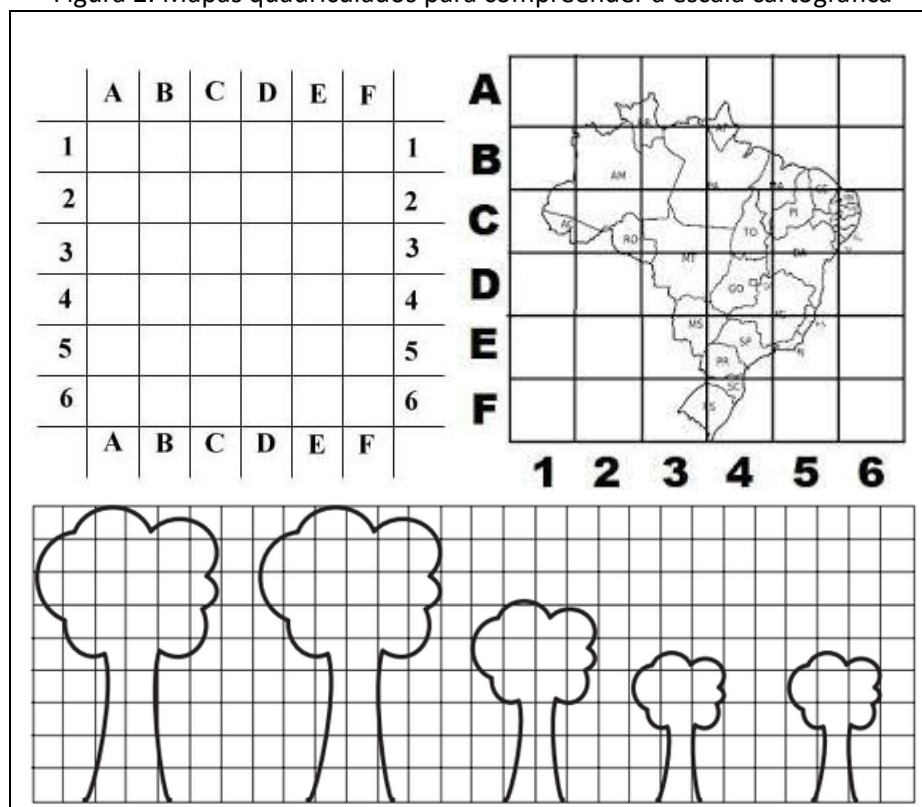
No processo de conhecimento, o professor identifica o saber empírico do aluno, para a partir desse contexto desenvolver processo de ensino, assim podemos dizer que a aprendizagem é baseada nas relações que o aluno vivencia. A leitura de mundo e o que isso representa, consiste em um exercício progressivo, e requer dedicação e relação com as demais ciências. Por isso, compreendemos que a alfabetização só pode ser realizada quando se busca compreender o meio.

Para alfabetizar para a cartografia, com visão interdisciplinar, inicia-se o ensino na Educação Infantil e dando continuidade por meio das séries iniciais do Ensino Fundamental. Devemos possibilitar ao aluno a oportunidade de pensar sobre o espaço vivido para compreender e interpretar a concepção de espaços maiores se torna o fundamento filosófico que norteia os chamados Estudos Sociais nas séries iniciais. (CASTROGIOVANNI E COSTELLA, 2007, p. 29).

Uma possibilidade prática em sala é a utilizada de fotos, figura de uma paisagem ou imagens de satélite, ampliando e reduzindo a imagem. Outra forma é realizar manualmente a ampliação ou redução de um mapa redesenhando por método de “quadriculação”, assim o aluno/professor, pode redefinir uma escala real presente em um para e redesenham em outro plano, maior ou menor.

A utilização de desenho além de motivar através da criatividade de ludicidade, facilita o processo de percepção e proporção entre o que é visto e o que é desenhando com mais ou menos informações, dependendo a escola de análise. Esse fato possibilita que o aluno perceba essa relação na prática, como pode ser notado na Figura 2, a seguir.

Figura 2. Mapas quadriculados para compreender a escala cartográfica



Fonte: google imagens, 2022.

Outra forma de se trabalhar a cartografia é a aula campo, uma prática fora da sala da aula, que pode ser dentro ou fora do ambiente escolar, que quando realizado de forma planejada e organizada, propicia muito aprendizado, pois o aluno consegue relacionar os conteúdos com o cotidiano visível, sendo mais perceptível os elementos naturais representados no mapa. Uma forma de se trabalha isso é a realização de pistas de orientação cartográfica, para que o aluno utilize mapas e bússolas em determinado ambiente, para isso o aluno terá que utilizar os conhecimento teórico de orientação, leitura e interpretação de legenda, proporcionalidade da escala, para conseguir localizar os pontos pré-estabelecidos pelo professor. É uma atividade muito proveitosa que mantém os alunos concentrados na atividade cartográfica, envolvendo-o de forma motivadora a atingir um objetivo (encontrar os pontos) de certa forma é um jogo que pode ser dividido entre duplas ou equipes, dependendo da área ou da quantidade de participantes.



Figura 3. Aula campo com cartografia



Fonte: Padilha, 2015

Essa aula de campo com cartografia, além dos conhecimentos técnicos sobre cartografia e informações prévias da área que será realizado, os alunos precisarão de um mapa de orientação para cada equipe, bússola, caderneta para anotar as informações do ponto marcado para posterior conferência, sobre a coerçividade da rota/percurso realizado.

O mapa de orientação é um mapa topográfico particularizado, onde é traçado o percurso que o atleta tem que percorrer e são locados exatamente todos os detalhes da vegetação, relevo, hidrografia, rochas e construções feitas pelo homem etc. O trajeto onde será realizado a orientação é composto de triângulo de partida, pontos de controle e chegada. Entre estes pontos, que são locados exatamente no terreno e equivalentemente no mapa, estão as pernas do percurso, nas quais o competidor deverá orientar-se. (PADILHA, 2015, p.02)

De acordo como Padilha (2015), a orientação é um esporte em que, o praticante a pé ou através de um meio de transporte não motorizado, deverá realizar um trajeto antecipadamente determinado, descrito em um mapa de orientação e demarcado por pontos de controle, em meio aos mais variados terrenos: Florestas, campos, parques, áreas urbanas etc. O processo de orientação apresenta uma vertente competitiva, vence o competidor/aluno que realizar este trajeto no menor tempo. Sob o aspecto recreativo, possibilita uma ótima forma de contato com a natureza e aperfeiçoamento da saúde cognitiva e física.

A principal relação feita por este esporte atrelada ao saberes geográficos principalmente em relação a cartografia, é o fato de que ele reúne várias ferramentas físicas e mentais como a



corrida ao pensar como correr, uma vez que para realizá-lo é imprescindível aliar o seu sujeição física à capacidade de analisar símbolos, determinar posições em relação ao terreno e buscar caminhos que promovam a progressão sobre a área determinada a execução da orientação. Portanto, um participante detentor de uma forma física muito inferior terá as mesmas possibilidades de êxito em uma prova que um atleta de ótima forma física esteja participando, o que importa é ter a técnica mais adequada para evitar os erros e fazer as melhores rotas. Esse tipo de atividade pode ser adaptado em aulas de geografia, sendo um tipo de aula campo.

A aula de campo é conforme Rego (2011), a realização de atividades em espaços não formais que fazem a articulação entre os conteúdos aprendidos em sala de aula e a aplicação prática em situações do cotidiano que além de proporcionar uma melhor integração, melhor substancialmente a qualidade na educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer com que os alunos consigam se orientar, localizar, interpretar e representar não somente no espaço em que vivem, mas também entenderem uma realidade espacial local e global, indica que o processo de ensino e aprendizagem para conseguir ler e interpretar um mapa ou imagem espacial, ou a realidade em que vive, ocorreu de forma adequada, no entanto percebe-se que a maioria das pessoas passam pelo ensino fundamental, sem conseguir executar esta tarefa. Isso revela que em algum momento, o professor não conseguiu fazer com que as informações teóricas, seja aplicada em atividades em sala ou mesmo no cotidiano do educando, possibilitando uma análise interpretativa da relações socioespaciais.

Desta forma entendeu-se com este estudo, que a leitura e interpretação de mapas, a utilização de dinâmicas e ferramentas adequadas a realidade do educando e do local que ele convive, tem uma importância no sentido de que proporciona ao aluno se encontrar no espaço em que vive, localizar limites e fronteiras por fatores políticos, econômico, sociais ou ambientais e tende a contribuir com análise de fatores correlacionados em um trabalho em conjunto com outras disciplinas para formar cidadãos conscientes do espaço em que habita.

As dificuldades de interpretação das leituras cartográficas são provenientes da carência de domínio dos conceitos elementares da cartografia o que nos leva a crer que há uma defasagem na leitura cartográfica, é sabido que alunos são pouco expostos a esses conteúdos em sua caminhada de aprendizagem, logo são oriundas desse distanciamento do conteúdo que dificulta a interpretação.

Os conteúdos que permeiam o estudo da geografia, devem buscar meios para superar as deficiências que os professores trazem em seu currículos nesse sentido, pois, muitos tem dificuldade e receio em trabalhar com esse assunto e muitas vezes pulam ou suprimem esse conteúdo do cotidiano escolar, tornando-se um obstáculo para que os alunos possam incorporar os conceitos geográficos e assim adquirir uma afinidade maior com a matéria e conseguir fazer uma leitura e conseqüentemente uma interpretação mais crítica na sociedade.

O aluno que tem impasses para a reflexão e análise pelas abordagens tradicionais no ensino não somente da geografia, mas de outras disciplinas do currículo, precisa superar e romper com a abordagem técnica e apenas ilustrativa, para que o aluno possa efetivamente entender a ilustração e a representação do espaço em que vive.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, G. A. S. Experiências e desafios no ensino de geografia: A influência das atividades dinâmicas no processo de ensino-aprendizagem. In: VII congresso brasileiro de geógrafos. 2014, Vitória. **Anais**. Vitória: agb. 2014.
- BASTOS, M. C. P.; FERREIRA, D. V. **Metodologia Científica**. Londrina: Educacional S.A, 2016.
- BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**.13. ed. reformulada e ampliada 1999, 3ª tiragem. Barra Funda: Saraiva, 2001.
- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. Brasília, 2018.
- BRITO, A. **Cartografia: a linguagem da Geografia**. Projeto Presente. Disponível em: <https://bit.ly/2MIB7kc> Acesso em: 20 jan. 2021.

CALADO; Flaviana Moreira. O ensino de Geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 12-20, jan./ jun. 2012.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, v. 1, n. 16, p. 133-152, 2015.

CALLAI; H. C. A Geografia no ensino médio. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 60–99, 1999.

CARVALHO, J. I. F. et al. A Cartografia Social como possibilidade para o ensino de Geografia: a pesquisa colaborativa em ação. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 33, n. 2, 2016.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação Geográfica: a Psicogenética e o Conhecimento Escolar. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

CASTELLAR; S. M. V. A cidade e a cultura urbana: Um estudo metodológico para se ensinar Geografia. **Boletim paulista de Geografia**, São Paulo, nº 85, p. 95-111, 2006.

CASTROGIOVANNI, A. C. COSTELLA, R. Z. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: A Alfabetização Espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CASTROGIOVANNI, A.C. **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. 5.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, Secção Porto Alegre, p. 31-48, 2010.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CHAUÍ, M de S. **Iniciação à filosofia: Ensino médio**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.

COLANGELO, A. C. Geografia física, pesquisa e ciência geográfica. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 16, pp. 09 - 16, 2004.

CONTERNO, L. **A importância dos mapas enquanto instrumento pedagógico nas aulas de geografia**. Medianeira: UTFPR, 2014

CORTI, Ana Paula et. Al. **Coleção viver, aprender: ciências humanas ensino médio, tempo, espaço e cultura**.1. ed. São Paulo: Global, 2013.

CUSTÓDIO, A. A. F.; VIEIRA, J. N. Trilha Geográfica: uso de atividades lúdicas no ensino de Geografia. Fala professor: (qual) é o fim do ensino de geografia? **VIII Encontro Nacional de Ensino de Geografia**. Catalão Go. 9 a 12 de Outubro 2015.

DA SILVA, M. S. F. Um olhar a partir da utilização de dinâmicas como ferramenta para o ensino da geografia escolar. **Caminhos de Geografia** Uberlândia v. 13, n. 44 Dez/2012 p. 128–139 Página 128.

DA SILVA, M. J. S. et al. **Ensino remoto e educação Geográfica em tempos de pandemia**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68526>>. Acesso em: 15/04/2022.

DANTAS, A.; BARBOSA, J. R. A. **Instrumentação para o ensino de geografia III**. 2. ed. Natal: Edufrn, 2011.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

EDUCAMAISSBRASIL. **Estudo do movimento e suas causas**. Disponível em: <https://www.educamais-brasil.com.br/enem/fisica/dinamica>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

FARIAS, H. S. et. al. **Atividades lúdicas no ensino de geografia**. Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

FINATTO, R. A.; FARIAS, M. I. **A cartografia social como recurso metodológico para o ensino de geografia: considerações a partir do programa Escola da Terra – Paraná**. Geog Ens Pesq, Santa Maria, v. 25, e03, 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do Ensino superior?** Práxis Educacional, v. 9, n. 15, 2013.

GERMANO, A. **Pedagogia transformadora**. Rio de Janeiro: Cpad, 2013, 2ª impressão.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. F. V. B. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017.

GONZÁLEZ, X. M. S. **A Didática da Geografia. Dúvidas, Certezas e Compromisso Social dos Professores**. Inforgeo, Lisboa, n. 15, p.21-42, 2000.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo: Uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro, sextante,2009.

KATUTA, A. M.; SOUZA, J. G. **A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

KATUTA, A. M.. Os Alunos e seus mapas: repassando a cartografia para escolares no contexto do ensino de geografia. In: LIMA, M. G.; LOPES, C. N. S. **Geografia e Ensino: Conhecimento Científico e Sociedade**. Maringá; Massoni, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MELO, J. M. S. **Didática geral**. Fortaleza: Uab/Ifce, 2009.

MORAES, J. V. de; CASTELLAR, S. M. V.. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: Um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** Vol. 17, Nº 2, 422-436 (2018).

OLIVEIRA, L.. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela D. de. (Org.). **Cartografia escolar**. Cap.1. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PADILHA, J. C. **Orientação: o desporto da natureza!** O que é e como praticar. 2015. Disponível em:

[https://www.cona.com.br/assets/gerenciador/CONA/Secretaria/Apostila/CONA\\_APOSTILA.pdf](https://www.cona.com.br/assets/gerenciador/CONA/Secretaria/Apostila/CONA_APOSTILA.pdf)  
Acesso em 15/06/21

**PAÍS TROPICAL:** <https://www.letras.mus.br/jorge-ben-jor/discografia/#/jorge-ben-jor/46647/>  
Acesso em: 18/06/2021 18:41.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de geografia para a educação básica**. Curitiba, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2M2XpaG> acesso em: 20 jan. 2020.

PASSINI, E. Y. **Os Gráficos em Livros Didáticos de Geografia de 5ª Série: seu significado para alunos e professores**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PINHEIRO; Igor de Araújo et al. **Brincar de geografia: O lúdico no processo de ensino e aprendizagem**. Revista Equador (UFPI), Vol.2, Nº 2, p. 25- 41 (Julho/Dezembro, 2013).

SELL, F. S. F. et al. **Análise e Produção Textual I**. 1. ed. Florianópolis: Dioesc, 2012.

TAVARES, F. R. et. al. **Ética, política e sociedade**. Londrina: Educacional, 2014.

TOLER, S.; GILBERT, L. **Treinador de líderes: Desenvolvendo equipes eficazes**. Rio de Janeiro: Cpad, 2015, 3ª impressão.